

## O QUE ROLA POR AÍ? INSPIRAÇÕES FREIREANAS NAS PRÁTICAS DE UM LICENCIANDO EM FORMAÇÃO

Luiz Claudio Rodrigues Torres <sup>1</sup>  
Andréa Rosana Fetzner <sup>2</sup>

Este trabalho é vinculado à pesquisa Gabinete de Pesquisa em Desenvolvimento Curricular, coordenada pela Profa. Andréa Rosana Fetzner e financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, FAPERJ. O estudo é inspirado nos textos desenvolvidos por Paulo Freire em sua atuação em Angicos no interior do Rio Grande do Norte em 1963. O registro deste feito está no livro publicado em 1967, Educação como Prática de Liberdade. Outro autor de destaque é Pistrak, que em 1924, em sua prática com crianças, desenvolveu uma metodologia de ensino na antiga União Soviética (URSS) como intuito de formar sujeitos ativos e participativos na construção do Estado Soviético. São épocas distintas, no entanto, em comum, prezam pela formação de cidadãos críticos, coletivos, dialógicos e lutam por uma sociedade mais igualitária, democrática e solidária (PISTRAK, 2018 ;FREIRE, 2019).

Inspirado nestas referências, este relato de experiência tem o intuito de trazer reflexões acerca do currículo e, mais especificamente, da integração curricular por meio de situações-problema enfrentadas/os pelas/os estudantes de um pré-vestibular popular. O trabalho ocorreu no ano de 2022 entre os meses de maio e novembro, período este que fui professor da disciplina de Biologia. O relato apresenta o curso pré-vestibular, a escolhido conteúdo programático de Biologia e algumas das atividades realizadas. Argumenta que práticas como esta são fundamentais para construção de uma sociedade comprometida com a democracia, que pense os problemas da realidade e age criticamente para a sua modificação (FREIRE, 2019). Portanto, uma educação libertadora, além de necessária, é imprescindível nas escolas para construção de uma sociedade outra.

O curso pré-vestibular é impulsionado pelo movimento social que atua na região e pelo coletivo de professoras e professores. Tem o intuito de inserir as/os estudantes nas Universidades públicas. Contudo, além de preparar as/os discentes para os vestibulares, propõe uma educação crítica, na qual compreende as estruturas sociais e que possa, a partir dessa percepção, transformar e agir sobre a realidade em que a/o aluna e aluno está inserido.

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Licenciatura em Biologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)- RJ, [luizclaudio.rt@edu.unirio.br](mailto:luizclaudio.rt@edu.unirio.br);

<sup>2</sup> Professor orientador: Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) - RS, [andrea.fetzner@unirio.br](mailto:andrea.fetzner@unirio.br).

O curso possui uma sala que conta com 30 cadeiras, um quadro, uma cozinha, um ventilador e um banheiro. Funciona de segunda à sexta-feira em horário noturno, de 19h às 22h e trabalha, principalmente, com estudantes moradores da favela da região, mas também de outras localidades. No período que acompanhei o Curso, possuía uma contribuição voluntária de R\$50,00, sendo esta facultativa. A média de idade das/os estudantes variava entre 20 e 60anos, composta pela classe trabalhadora.

O Curso abre as inscrições em meados de fevereiro. Para efetivar a matrícula, basta que a pessoa interessada preencha um questionário disponibilizado na página do movimento. Os alunos são moradores da região (27,3%) e outras regiões (72,7%). As pessoas que fizeram o Curso concluíram o ensino médio em rede pública (95,5%) ou rede particular com bolsa (4,5%). Dentre as/os participantes 95,5% possuem internet em casa e 4,5% não possuem. Enquanto a emprego, 45,5% declaram que estão desempregadas e desempregados e outros 54,5% estão com vínculo empregatício. O questionário preenchido pelas pessoas que estudam no Curso, pude perceber o cenário em que se encontravam as/os alunas e alunos.

Uma situação vivenciada cotidianamente pelas pessoas que estudam no Curso são os confrontos entre a polícia e o tráfico, ocasionando que o Curso feche, impedindo o ir e vir das pessoas e paralisando todo o comércio da região. Tendo em vista este ocorrido, uma das professoras (filosofia) comentou no grupo de *whatsapp* dos/as docentes que iria comentar sobre o assunto em suas aulas. Com os comentários vindos do grupo das/os estudantes e das/osdocentes, estava definido o problema a ser estudado por mim e pelas/os estudantes. Levando em consideração este fato, elaboramos a seguinte situação-problema: “Porque a violência é prejudicial a população? A partir do contexto da sua região.” Posteriormente, em uma conversa coletiva entre eles, chegaram às seguintes problematizações: "Quais são as principais motivações para a violência?","Quem são os mais prejudicados pela violência? e"Como órgãos de segurança agem para diminuir a violência e proteger a população?" Inserindo-os ainda mais no contexto, precisei verificar o que elas/es já sabiam sobre o tema. Perguntas como: “O Que vocês consideram como violência urbana?”;“O que você vê no seu cotidiano/localidade que seja parte desta violência?”;“Que ações você considera como produção desta violência?” e “O que você entende por segurança?”. As respostas construídas pelos estudantes foram: “Violência física ou verbal”, “Morte, medo, roubo, assalto, golpe, tráfico, brigas e corrupção”, “Dinheiro fácil, falta de oportunidade para crianças em situação de violência, Falta de educação, ambiente precário” e “Liberdade de ir e vir e andar na rua sem medo.” Com estas respostas, organizei uma reunião com a equipe pedagógica afim de elaborarmos o conteúdo programático de Biologia. Desta reunião, saíram 2 atividades que

seriam feitas ao longo do Curso A primeira atividade teve como título a expressão “Bandido bom é bandido morto” que envolveu o trabalho com três componentes curriculares: sociologia, biologia e matemática.

Para iniciar a conversa, perguntei aos estudantes “o que ambos acham desta frase?”, “o que lembra a vocês?”, “já ouviram falar nesta frase?”. As respostas foram variadas: “essa frase vejo no [programa televisivo] Balanço Geral<sup>3</sup>”, “muitas pessoas concordam com esse tipo de prática”. Na continuidade da discussão, comentei que na “favela onde moro, programas de televisão pronunciam essa frase, tendo aprovação de muitas pessoas e garantindo muita audiência.”

Pelas respostas, as/os alunas e alunos possuem um certo conhecimento sobre o assunto. Os conteúdos trabalhados foram diversificados, em Biologia foram recapitulados os conceitos de Darwin sobre seleção natural e o princípio da Hereditariedade de Mendel. A partir desses eventos, debateu-se criticamente o conceito de eugenia. A fim de que compreendessem o papel da Biologia, como professor, busquei debater como as Ciências Biológicas tiveram sua contribuição para esse pensamento. Nela, debatemos os conceitos de Genética e a Evolução que, por meio delas, foram postulados Darwinismo Social, Determinismo Biológico, Determinismo Geográfico. Logo, mencionei que a “biologia contribuiu e muito para as pessoas pensarem assim.” Na sociologia, os conceitos trabalhados propuseram entender sobre a exclusão social, a partir da demarcação de recortes de classe, raça, gênero, sexualidade, estilo de vida, comportamento e saúde mental. Nestes estudos de Sociologia, as pessoas participantes puderam levantar dados sobre como ainda persistem dificuldades de acesso a direitos básicos como: educação, moradia, saúde, emprego formal e entre outros. Além disso, dados sobre expectativa de vida das pessoas trans e controle dos corpos corroboram para as pessoas pensarem dessa forma. Outra questão é o capitalismo como herança do sistema colonial, vinculando a desigualdade social como aumento da criminalidade. Ao final dos debates, também discutimos o sistema penal e como poderíamos adotar ações que combatam essas políticas de encarceramento em massa. Na Matemática, foi feito um comparativo da população carcerária com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2021 com o intuito de trabalhar com as (os) estudantes Razão e Proporção, trazendo o perfil racial do sistema prisional brasileiro. Com os números e a contextualização feita entre as disciplinas, chegamos a conclusão (estudantes, professoras e professores) de que a frase “Bandido bom é bandido morto” é uma frase racista, corroborando para o racismo estrutural.

<sup>3</sup> Programa de notícias visto pela televisão que atinge principalmente as classes populares.

A segunda atividade desenvolvida foi com o vídeo documentário “HerançaSocial”, também trabalhado com a participação de 3 componentes curriculares: Biologia, Física e Geografia. O filme é produzido pela secretaria de vigilância em saúde, vinculado à Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), dirigido por Jafas Christian no ano de 2016. O documentário traz a história dos moradores que há anos convivem com uma doença silenciosa e negligenciada, a tuberculose. Por meio de relatos das/os moradores da região de Manguinhos<sup>4</sup>, o vídeo mostra que por muitos anos convivemos com a doença, tornando-se hereditária por conta da situação social vivida pelas/os pessoas que moram no local. Após a sessão de cinema onde assistimos juntos ao filme, debatemos com as diferentes compreensões do filme, tendo sido destacados o aspecto ligado às realidades já conhecidas, como morte por tuberculose na região e o caráter desumano das condições a que os personagens do filme foram submetidos.

Pelas escolas nas quais eu passei, a forma de explicar partia do professor como detentor de conhecimentos/os discentes como consumidores passivos, esta perspectiva prática escolar Freire (2019) denominou de Educação Bancária. Então ensinar e aprender é uma maneira no qual parte das experiências deles foi algo muito novo, fez-me rever as minhas concepções. Antes da experiência como professor do Curso, participei do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência) que tem o intuito de colocar o licenciando iniciante na graduação em uma escola pública em parceria com professor da rede, fazendo com que presencie a rotina profissional da/o professora e professor (CAPES, 2018). Nesse sentido, o trabalho coletivo, a amorosidade, a dialogicidade (FREIRE, 2019; PISTRAC, 2018) proporcionados ao longo da formação no programa foram fundamentais.

Esta experiência docente tornou evidente, para mim, que não existe fórmula para ensinar. Para que possamos de fato ter uma educação libertadora, é indispensável que se trabalhe a partir dos problemas que as/os estudantes vivenciam, conhecer um pouco mais da sua região, procurar por meio do diálogo, uma aprendizagem mais significativa com as nossas/os estudantes. Destaco a importância de “tornar nosso ensino mais sujo, isto é, encharcá-lo na realidade” (CHASSOT, 2018, p.124), ao interligarem as suas vivências como seu passado mais distante, aproximando-as/os discentes de sua própria vida (CHASSOT, 2018).

**Palavras-chave:** Educação popular, Ensino de biologia, Educação libertadora, Integração curricular, Didática.

---

<sup>4</sup> Território da Zona Norte Rio de Janeiro como quinto pior índice de desenvolvimento humano (IDH) e índice de violência muito alto.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço enormemente a minha família, em especial minha mãe dedico este trabalho. A Universidade, às professoras e professores, aos meus estudantes que toparam embarcar nessa aventura, Maria, Moacir, Rafaela, Bárbara, Lucas, Francisco Toda Equipe pedagógica que participou dessa loucura. Espaços Pré-vestibular pela oportunidade na qual passei como estudante e professor. A minha orientadora Andréa Rosana Fetzner, contribuição fundamental para este trabalho e que sem a sua criticidade não iria ser possível a escrita e a minha professora que me fez para a Licenciatura Ana Cristina Aguiar. Agradeço também às amigas e amigos. A FAPERJ pelo apoio e ao grupo de pesquisa GEPAC pelas discussões sempre. Viva Paulo Freire!

## **REFERÊNCIAS**

CAPES. Portaria nº 72, 12 de março de 2018. **Dispõe sobre Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência-PIBID.** Disponível em:

<<http://www.unirio.br/pibid/portaria-gab-no-45-de-12-de-marco-de-2018>.> Acesso em: 19 nov. 2023.

CHASSOT, A. Alfabetização científica: questões e desafios para a educação. 8ed. Ijuí: **Unijuí**, 2018.

FREIRE, P. Pedagogia Do Oprimido. 71 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: **Paz e Terra**, 2019.

PISTRAK, M.M. Fundamentos Escola Trabalho. 1 ed. São Paulo: **Expressão Popular**, 2018.